

A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

Yuka Garcia Kinoshita ⁽¹⁾; Elizabeth da Silva ⁽²⁾

¹ Graduanda do Curso de Letras do Centro Universitário de Itajubá, yukagkinoshita@gmail.com

² Professora Mestra de Graduação na instituição Centro Universitário de Itajubá, elizabethfai@hotmail.com

RESUMO

Nos primórdios da educação, a sociedade era visivelmente diferente da sociedade em que nos inserimos atualmente. A educação e a filosofia, quando surgiram, estavam atreladas intrinsecamente, porém na Era Digital nota-se um distanciamento entre ambas. Este distanciamento causa um impacto significativo à sociedade, principalmente em termos de valores. A tecnologia facilitou o acesso à informação e nos distanciou de algumas habilidades, que antes eram de extrema importância, como a memória e a escrita/caligrafia. Hoje um pequeno aparato tecnológico é capaz de armazenar inúmeras informações ou dar acesso a um banco de dados imensurável: a *internet*. Autores como SERRES (2013) e MORIN (2002) tratam a “evolução” da Educação inserida num contexto sócio-histórico-cultural, partindo deste viés a pesquisa, através de uma revisão bibliográfica, visa contextualizar o sujeito-aluno na contemporaneidade e promover discussões a cerca dos desafios encontrados na vivência dos docentes no âmbito escolar.

Palavras-chave: Educação Crítica; Metodologia; Filosofia; Tecnologia; Sociedade

INTRODUÇÃO

Com todas as mudanças que ocorreram na sociedade, desde o surgimento da educação até a contemporaneidade, fizeram com que a educação fosse criando novas necessidades, tanto em termos de inovações quanto em termos de conteúdo teórico e prático.

Considerando as inovações necessárias, Serres (2013) afirma que os jovens de hoje, aos que pretendemos ensinar, passam a maior parte de seu tempo em espaços virtuais, contudo as estruturas escolares nas quais se inserem datam de uma época que eles não reconhecem mais: prédios, pátios de recreio, salas de aula, auditórios universitários, campus, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes. Porém, indo além, pode-se considerar não somente a estrutura física que se perpetua, mas, a concepção de escola: a maneira que se é pensado o processo ensino-aprendizagem, o papel de cada membro nessa Instituição, entre outros aspectos.

Nesses termos, respaldado por Serres (2013), pode-se afirmar que em questão de inovação, a instituição escolar, de uma maneira geral, deixa a desejar, pois tanto a estrutura física quanto o sistema, no qual o aluno é submetido por volta de dez anos de sua vida, é rígido e ultrapassado.

“Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva do ensino – mudança que

pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas” (SERRES, 2013)

O aluno do século XXI se encontra em uma sociedade tecnológica, que acelera algumas etapas de formação. Atualmente, os jovens têm contato com diversos meios que veiculam inúmeras informações diariamente, sem contar o fácil acesso a todo conhecimento que foi produzido durante todos os séculos anteriores no mundo inteiro. Ou seja, o sujeito-aluno vem sofrendo a ação de uma multiculturalidade em decorrência da constante troca de informações, ideais, valores que a globalização proporcionou.

Com todas essas novidades, a função do professor, que usualmente é tida como porta-voz do conhecimento, precisa ser repensada, uma vez que compete com mídias interacionais muito mais rápidas e completas. Se o professor insistir em trabalhar o conteúdo como vem nos livros didáticos, assumindo o papel de detentor do conhecimento, sua função estará fadada ao fracasso. Pois ele deve assumir a função de mediador, amplificador do pensar e, principalmente, democratizador do saber, produzindo o conhecimento a partir da contribuição de todos os envolvidos no processo.

Já em relação ao conteúdo teórico prático, percebe-se que a Escola com seu currículo programático de cada série, ainda não atende às necessidades que foram surgindo com o decorrer do tempo. Constatamos

se que algumas disciplinas foram adicionadas ao currículo, todavia, muitas vezes, não se contempla nelas o exercício do pensar. Conforme Viviane Mosé (2015), em uma de suas falas na palestra *“Os desafios da educação brasileira em direção a uma educação viva e contemporânea”*, concedida ao programa Café Filosófico, que aborda a questão da filosofia necessariamente como pensar, refletir, questionar, analisar cada conteúdo proposto nas escolas, e não a filosofia como uma disciplina complementar na grade.

A educação e a filosofia sempre cumpriram papéis importantes na constituição de uma sociedade. No início da história do processo de ensino-aprendizado, ambos conceitos estavam atrelados, contudo em alguns momentos na história, como na ditadura militar, o pensar filosófico foi propositalmente sendo deixado de lado. As consequências da ausência da filosofia como um dos pilares que sustentam a formação de um aluno são notáveis na sociedade. Para a formação de um sujeito crítico, com plena consciência de seus deveres e direitos cívicos e morais, certamente este necessita de acesso à educação e à filosofia.

Considerando que há um *delay* das metodologias utilizadas em sala de aula, juntamente com a negligência relativa à importância da visão analítica e criteriosa dos conhecimentos ofertados no ensino fundamental, de nada adianta o acréscimo de disciplinas, que teoricamente atendem às necessidades de um mercado de trabalho competitivo, de uma sociedade em crise ou envolvendo questões ambientalistas. Estas disciplinas podem até despertar maior curiosidade nos alunos, mas não serão isoladamente capazes de trazer a melhoria do rendimento escolar dos alunos.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa é de cunho investigativo, utilizando de revisão bibliográfica para embasar todo o trabalho, de forma que o escopo adotado pela pesquisa seja descrito em seus vários pontos de vista expresso pelos já consagrados autores e pesquisadores da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foram analisados livros de Edgar Morin (2002), Roxanne Rojo (2012), Michel Serres (2013), entre outros. Também foram analisados outras mídias disponibilizadas na rede. Com isso, pode-se perceber, com a análise dos materiais revisados, que a questão da educação contemporânea é problemática e é algo que vem sendo discutido há muito tempo. Os autores trazem os desafios enfrentados e as

possíveis mudanças que cabem a realidade vivenciada nos últimos séculos.

A temática ainda é bastante discutida devido a lentidão na adequação do ensino as necessidades que vão surgindo com o passar do tempo. Há grandes pensadores, que ainda hoje, fazem sentido, como Paulo Freire (1996) quando discursa, por exemplo, sobre pedagogia da autonomia. Atualmente temos muitos autores que convergem para as mesmas questões e que trazem um olhar contemporâneo ao assunto como Viviane Mosé (2015) e Mário Sérgio Cortella (2014).

Os desafios que surgiram e são enfrentados, principalmente, no século XXI, são relacionados a era digital. A tecnologia se tornou algo do cotidiano, o que fez com que o sujeito se transformasse em um sujeito tecnológico, mantendo sua imagem praticamente indissociável de um aparato midiático. Com o avanço das mídias e o acesso cada vez fácil à *internet*, as instituições tiveram que acompanhar os avanços para poder sobreviver. Muitas delas, como a indústria televisiva e as revistas (que hoje expõe seu conteúdo também nas redes sociais e *sites*) e a maioria dos comércios e indústria se desenvolveram para melhor satisfazer a demanda de um público digital e globalizado.

Hoje, qualquer pessoa que anda nas ruas com o seu celular, *smartphone*, *tablet*, entre outros aparatos, percebe que este tipo de tecnologia é permitido em quase todos os lugares, exceto na escola. A instituição escola não permite que o sujeito-aluno, seu público-alvo, entre em salas de aula portando seus aparatos, ou quando permitem o uso deles é repreendido. Ou seja a escola matém padrões de uma sociedade que os alunos não reconhecem mais, conforme Serres (2013).

Além da inclusão de mídias no âmbito escolar, por meio do multiletramento, para evitar o insucesso escolar, segundo Rojo (2012), é necessário pensar em algo que una todo o conhecimento proposto aos alunos. Mosé (2015) aborda a questão da interdisciplinaridade como algo que dá uma visão geral ao aluno, que faço-o enxergar o sentido de aprender todo aquele conteúdo. Morin (2002) também traz a tendência que a humanidade tem conseguido cada vez mais se especializar em algo, se especificar em um conteúdo, porém com isso perde-se a visão do todo e consequentemente perde-se o sentido, com isso faz-se necessário uma democracia cognitiva.

A discussão gira basicamente em torno das necessidades de mudanças nos sistemas de ensino, mais do que evidentes, abordadas por autores, professores, filósofos desde o século anterior. Esta pesquisa vem contemplando vários autores que expressam opiniões semelhantes com relação à temática abordada, e que notam a real necessidade de

adequação da estrutura escolar à contemporaneidade, o que se contrapõe às opiniões, muitas vezes, de profissionais da área, que pensam que o problema não está na estrutura, nem no material didático e muito menos com a metodologia utilizada por eles, mas sim na estrutura familiar do aluno e no próprio aluno. Com isso, cabe refletir se as mudanças devem acontecer apenas na instituição escolar ou se devem atingir também a instituição familiar.

CONCLUSÕES

Com revisão parcial de autores consagrados, a pesquisa, por enquanto, pode constatar que a adequação é essencial para que a qualidade do ensino melhore nas escolas e com isso a qualidade do aprendizado. Os alunos sairiam mais capacitados para a vida, para exercer a cidadania, de escolas que incentivassem o pensar, a curiosidade e a pesquisa. E se tratando de adolescentes, usualmente imediatistas, seria ainda melhor com a inserção de tecnologias, justamente pelos bônus ofertados por elas: agilidade, publicações de pesquisas, conteúdo completo e complexo, contendo análises críticas, entre outros.

Vale pensar também que a instituição escolar não deve ser uma instituição isolada, ela deve manter relações com instituições familiares, governamentais, sociais, para que o aluno possa perceber o seu papel na sociedade e para que essas outras instituições, de maneira articulada, possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, M. S.. **Educação, Escola e Docência – Novos Tempos, Novas Atitudes**. 1ª Ed.- Editora Cortez, 2014.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire. 36ª Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, E.. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. JACOBINA, E.. 6ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 128p.

Os desafios da educação brasileira em direção a uma educação viva e contemporânea. Palestrante: MOSÉ, Viniane. Programa café filósofo, Junho 2015, disponibilizado no perfil: Portal PEaD, categoria Educação, Licença padrão YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=r52E7w4GZGk>

Acesso em: 25 Ago. 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. [Orgs.]. **Multiletramentos na escola**. Parábola Editorial, 2012.

SERRES, M.. **Polegarzinha**. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 96p.: 21cm